

Cai popularidade de Sarney e PMDB

Planalto constata o mau humor da sociedade com o quadro econômico

A. C. SCARTEZINI
Especial para o CORREIO

A prova palpável da decadência do prestígio popular do PMDB repousa sobre a mesa de trabalho do presidente Sarney desde a semana passada: uma pesquisa de opinião feita na cidade de São Paulo aponta escassos 27 por cento de apoio ao maior partido do País e que, mesmo assim, continua como o mais cotado no gosto popular, enquanto o perigoso PT inicia uma escalada que já o coloca em segundo lugar com 17 por cento.

"O PMDB perdeu todas as suas bandeiras sociais", diagnosticou um amigo para o Presidente, ao ver em suas mãos a pesquisa. A opinião do amigo confirmava a impressão de Sarney de que o PT avança graças a um eficiente trabalho de base junto aos sindicatos e outros segmentos populares, dos quais estaria se descuidando o PMDB.

Acreditam os amigos do Presidente que o mal do PMDB reside sobretudo na deficiência em administrar as insatisfações da sociedade com a crise que a envolve, como no caso da revolta social contra o Imposto de Renda, as reclamações de fazendeiros por vantagens econômicas e as greves com reivindicações salariais.

Os amigos sugerem a Sarney que a deficiência na administração das reivindicações sociais pode estar nos atuais ministros, os quais não estariam em condições de dialogar eficientemente com a sociedade. Deficiências que os próprios amigos poderiam solucionar desde que acionados formalmente pelo Presidente.

No entanto, os amigos possuem acesso também a outra pesquisa que Sarney manipula sobre sua mesa no Planalto. A outra pesquisa revela que a queda do prestígio chega ao Presidente e não apenas ao partido: 47 por cento da opinião pública apóiam o seu trabalho, contra o índice de 57 por cento há um mês atrás.

MAU HUMOR

Mas não são apenas as pesquisas que sobressaltam o trabalho presidencial. "A impressão que se tem, dentro do Governo, é que há uma onda terrível de mau humor em todo o País", afirmou um ministro depois de despacho com Sarney na semana passada, a série de insatisfações que percorre os Estados.

Outro ministro constatou em sua área a existência desse mau humor social e revelou o sonho que acalentava:

— Se o Presidente me tirar daqui do ministério, sabe do que eu gostaria de fazer? Gostaria de ser relações públicas do Governo. Eu iria percorrer todo o País dialogando com as camadas da sociedade e mos-

trando a obra social que o Governo Sarney está promovendo. Poderia acabar com o mau humor.

O trabalho seria eficiente apenas se o ministro-relações públicas pudesse também levar conselhos conseqüentes aos novos governadores que hoje completam a primeira semana no poder — conselhos sobretudo aos governadores dos Estados mais importantes e que marcaram a primeira semana por trapalhadas que sobressaltam o Presidente.

TRAPALHADAS

Apesar de toda a sua experiência política, o governador Orestes Quêrcia, por exemplo, comporta-se de uma maneira desajeitada ao pedir o lugar do mineiro José Hugo Castelo Branco no Ministério da Indústria e do Comércio para o seu correligionário paulista Ralph Biasi. Uma reivindicação que poderia ser mais eficiente se fosse mais discreta, sem constranger o ministro e o Presidente.

E se Ralph, afinal de contas, não vier a ser ministro por uma razão ou outra? "Se o Ralph não for ministro, vai ficar mais constrangido do que José Hugo o está neste momento", opina um funcionário graduado do Governo. Se Ralph, depois de todo o alarde de Quêrcia, não for ministro, haverá mais uma crise para o Presidente administrar.

Outro sobressalto chega ao Planalto diretamente de Curitiba, onde o governador Alvaro Dias procura agressivamente acuar o Governo Federal em defesa de suas reivindicações pessoais. No próprio discurso de posse, diante de seu povo, Alvaro exagerou na dose de veemência com que exigiu a atenção de Brasília para o seu governo.

A ênfase de Alvaro Dias deixa uma dúvida: o governador deseja indicar amigos para o novo ministério, pretende apenas bloquear a nomeação de José Richa ou deseja as duas coisas? Amigos do senador José Richa, antigo correligionário do governador e fiador de sua eleição, suspeitam que Alvaro deseja as duas coisas.

Nas montanhas mineiras, antigamente prudentes e pacientes, também surge pela voz do governador Newton Cardoso, que soa como uma motoniveladora, o modelo do novo comportamento que assusta ao Planalto. Como Quêrcia, Newton impõe e alardeia o que deseja.

Por enquanto, o governador de Minas leva uma vantagem visível sobre Quêrcia: seu candidato a ministro, Anibal Teixeira, deve ser sagrado na próxima quarta-feira —, mas desde a semana passada aceita cumprimentos pela ascensão da assessoria presiden-

cial ao Ministério do Planejamento.

MISSÃO

Aliás, coube a Anibal Teixeira, neste fim de semana, uma missão ingrata, antes mesmo de sair sua nomeação para o lugar do ministro João Sayad: pacificar as relações entre o governador Newton Cardoso e os dirigentes italianos da poderosa multinacional Fiat.

As provocações mais fortes de Cardoso surgiram na terça-feira, quando os italianos foram à sua procura no Palácio dos Despachos para conversar sobre o negócio que o governador deseja desfazer: a troca de ações do governo mineiro na Fiat pela participação na fábrica de autopeças que a empresa planeja instalar. Troca autorizada pelo ex-governador Hélio Garcia nos últimos nove dias de seu governo.

Quando chegaram ao Palácio, os italianos, à frente Silvano Valentino, superintendente da Fiat, encontraram o governador ocupado com uma entrevista à imprensa no auditório, na qual foram contemplados com algumas referências desagradáveis. "Esse bando de italianos incompetentes", esbravejava, a voz de Cardoso sobre os negócios com a Fiat.

Insistia o novo governador em desapropriar a própria fábrica mineira da Fiat, se preciso fosse. "Quanto vale? Trezentos milhões de dólares? Se for isso mesmo, eu banco", prometia. "A Fiat não pode tratar o Estado dessa maneira desonesta", classificava a operação de troca de ações, pela qual o Estado cedia os 18 por cento de sua participação na fábrica de automóveis por 49,9 por cento do controle da outra.

Ao final da entrevista, uma repórter de televisão chegou atrasada e pediu ao governador que repetisse as suas declarações para uma nova gravação. "Meu Fiat quebrou e tive que levar o carro para a oficina", justificou-se a moça. "Por que você comprou esse carro porcaria?", quis saber Cardoso.

Ali perto, Silvano Valentino ouvia os diálogos pelo sistema de som do auditório, até o momento em que notou um assessor recomendar ao governador que interrompesse a entrevista e fosse atender aos italianos. "Não atendo", fulminou Newton Cardoso. "Eu não atendo esse pessoal".

Era esse o espinhoso quadro que aguardava o futuro ministro Anibal Teixeira quando, na manhã de sexta-feira, deixou Brasília para negociar com o governador e a fábrica, convocado por um telefonema nervoso de Newton Cardoso e empurrado por José Sarney. Afinal, Cardoso deve a Sarney a futura nomeação de Anibal.

